



Lebret, intérprete da América do Sul: um enigma decifrado e um conceito construído

Lebret, interpreter of South America: a deciphered enigma and a constructed concept

Virgínia Pontual

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil

Resumo

As lacunas e as inquietações provenientes da reflexão sobre a dimensão social do urbanismo estimularam a escolha de narrar a trajetória de Lebret a partir da ideia de que este foi um intérprete da América do Sul. O corpo documental consultado durante a pesquisa evidenciou essa condição. Como ponto de partida analítico, foi adotado, neste artigo, o fato de Lebret ser um religioso católico, integrante da ordem dominicana, em um contexto de disseminação do catolicismo social na França do início da Segunda Guerra Mundial. Seguindo procedimentos de paralelismos, ajustes, autoria e analogia, compôs-se uma análise da interpretação de Lebret sobre América do Sul, subdesenvolvimento e desenvolvimento. Os entendimentos construídos pelo padre francês e os sentidos atribuídos ao lugar estiveram fundados, como é demonstrado, em teorias e paradigmas ligados à sociologia, à economia e à doutrina social da Igreja. A posição ocupada pela interpretação de Lebret do desenvolvimento na América do Sul pode não ser consensual entre os juízos historiográficos, mas sua contribuição para a formação de intelectuais, em especial os da esquerda cristã, é algo que não pode ser refutado.

Palavras-chave: Lebret. América do Sul. Subdesenvolvimento.

Abstract

Gaps and concerns stemming from the reflection on the social dimension of urban planning led to the decision of narrating Lebret's story as an interpreter of South America. This is demonstrated by the body of documentary evidence. The starting point was the assumption that Lebret was a devout Catholic and member of the Dominican order aiming to promulgate social Catholicism in France in the early years of the Second World War. By using procedures involving parallelism, adjustments, authorship and analogy, it was possible to provide an analysis of the interpretation that Lebret had of South American, development and under-development. His understanding of places and their meanings were referenced in theories and paradigms connected to sociology, economics and the social doctrine of the Catholic Church. His interpretation of development in South American may not be consensual among historiographers, but has irrefutably contributed to the schooling of intellectuals, especially those on the Christian Left.

Keywords: Lebret. South American. Underdevelopment.

VP é doutora em Arquitetura e Urbanismo, professora do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e-mail: virginiapontual@gmail.com

Introdução

O padre dominicano Louis-Joseph Lebret, personagem principal de *Économie et Humanisme*¹, percorreu lugares, criou laços intelectuais e religiosos, estabeleceu grupos de estudo, realizou trabalhos de planejamento urbano e regional, proferiu palestras, conferências e cursos, participou de articulações políticas e religiosas nos países da América do Sul. Tais constatações aparecem em estudos historiográficos escritos na França e no Brasil, porém existem lacunas que ainda podem ser perscrutadas, das quais uma delas é a compreensão de Lebret como um intérprete da América do Sul. Essa inquietação surgiu quando, durante a pesquisa, foi considerado um corpo documental que evidenciava a existência de obras escritas por Lebret ainda pouco exploradas. Assim, sua condição de intérprete da América do Sul tornou-se ponto de partida da análise, levando-se em conta, igualmente, que ele foi um religioso católico da ordem dominicana, que se afirmou como intelectual em um contexto de disseminação do catolicismo social na França do início da Segunda Guerra Mundial.

Économie et Humanisme foi fundada como uma associação em 1941, sediada no convento dominicano de Marseille, na França. Segundo Astier & Laé (1991), os signatários de *Le Manifeste d'Économie et Humanisme* eram egressos dos meios do catolicismo social e atuavam em distintas frentes profissionais, como agricultura, pesca e pequena empresa. Tais aspectos corroboram a significação da dimensão religiosa no funcionamento da associação em consonância com a noção de bem comum presente na obra de Lebret, *Découverte du bien commun: mystique d'un monde nouveau* (Lebret, 1947a).

Um momento marcante do transcurso investigativo foi o Colóquio Internacional Urbanismo e o Movimento Economia e Humanismo na América Latina². Nele, a

partir de olhares que se cruzavam, uma vez que os expositores eram pesquisadores franceses, chilenos e brasileiros, foram tratados temas centrais para a pesquisa. Entre as temáticas discutidas, a da interlocução de *Économie et Humanisme* com as vertentes do pensamento social atuantes nos anos de 1950 na América do Sul, abordada na palestra do sociólogo Francisco de Oliveira, trouxe a ideia de que *Économie et Humanisme* teria tido pouco significado na formulação de um juízo teórico e prático sobre o subdesenvolvimentismo. Tal enunciado tornou-se uma inquietação investigativa, pois os documentos consultados não permitiam chegar a tal inferência do sociólogo citado. Cabia, portanto, perscrutar melhor.

Neste artigo, entende-se como intérprete aquele que desvenda sentidos, traz à luz o que está nas sombras, oferece conteúdo e significado a determinado fenômeno. Seguindo os procedimentos de paralelismos, ajustes, autoria e analogia, foi possível compor uma análise da interpretação de Lebret sobre a América do Sul, o subdesenvolvimento e o desenvolvimento. Desse modo, este artigo expressa um jogo de espelhos entre o intérprete e o interpretado, entre aquilo que foi vivido por Lebret e a busca por desvendar, por meio desta narrativa, as ordens escondidas.

Um enigma a ser decifrado: o subdesenvolvimento

Ao chegar à América do Sul, em 1947, Lebret já tinha conhecimento do contexto, dos problemas e dos potenciais econômicos, sociais e políticos, e, por que não dizer, dos movimentos católicos desse subcontinente.

A emergência na França de correntes intelectuais e de instituições voltadas ao catolicismo social data

¹ A associação *Économie et Humanisme* foi fundada por Lebret e por outros religiosos laicos para tornar possível a efetivação do projeto pedagógico e científico dos seus integrantes e com vistas às mudanças sociais.

² O Colóquio Internacional Urbanismo e o Movimento Economia e Humanismo na América Latina ocorreram na cidade do Recife, em Pernambuco, em setembro de 2011, com a participação de oito instituições parceiras, entre as quais tiveram a atribuição de coordenação: a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Universidade de São Paulo (USP) e o *Centre Développement et Civilisation – Lebret-IRFED*.

Entre os expositores, devemos citar: i) franceses: Denis Pelletier (CNRS-EPHE), Danièle Voldman (CNRS/IHC), Yves Berthelot (Lebret-IRFED), Jean-Yves Mérian (RENNES 2) e Pierre Maurice Gervaiseau (secretário adjunto de Lebret/Fundação Araripe); ii) brasileiros: Francisco de Oliveira (FFLCH-USP), Lícia Valladares (Clersé/Université Lille 1), Maria Teresa Sales de Melo Suarez (CJC), Maria Cristina da Silva Leme (FAU-USP), Nísia Trindade Lima (FIOCRUZ), Virgínia Pontual (MDU-UFPE), Celso Lamparelli (FAU-USP) e Rodrigo Faria (FAU-UNB); iii) Chileno: Jacques Chonchol (ARCIS).

de meados do século XIX, tendo se constituído em um terreno de disputas e de contradições. Uma das manifestações do catolicismo social era a Associação Católica da Juventude Francesa (ACJF), a qual evocava a recristianização da sociedade e a opção por ações direcionadas aos menos favorecidos, tendo como desdobramento a criação da Ação Católica.

Há certo consenso historiográfico de que a Ação Católica foi uma das principais instituições católicas na América do Sul, na qual jovens intelectuais descobriram a política e o engajamento. Foi no Uruguai que aconteceu, em abril de 1947, a reunião dos intelectuais democratas cristãos desse país, aos quais se juntaram os da Argentina, do Brasil e do Chile. Nessa reunião, foi redigida a Declaração de Montevideú, que fixou as bases do movimento – posteriormente, intelectuais da Bolívia e do Peru declararam suas adesões. A delegação brasileira participou dessa reunião sob a liderança do escritor e líder católico Alceu Amoroso Lima. Esse escritor portava, inclusive, uma carta escrita por Lebret – o padre, recém-chegado ao Brasil, já o tinha contatado. Essa carta dirigia-se aos participantes da reunião e expunha suas ideias sobre a importância de uma articulação de cristãos latino-americanos. Cabe remarcar que Amoroso Lima foi uma das personagens centrais para promover a introdução e assegurar a circulação de Lebret na América do Sul.

Uma segunda reunião dos intelectuais democratas cristãos realizou-se no Clube Católico de Montevideú, entre 25 e 31 de julho de 1949, contando com uma delegação latino-americana mais expressiva; estiveram presentes representantes da Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Peru, Uruguai, Equador e Bolívia. O principal resultado dela foi a criação da Organização Democrata Cristã da América (ODCA), dirigida por Manuel Ordoñez, da Argentina, Alceu Amoroso Lima, do Brasil, Eduardo Frei Montalva, do Chile, e Dardo Regules, do Uruguai. Para Compagnon (2000, p. 534), essa organização fincou as bases de uma democracia cristã latino-americana, recebendo referências do filósofo francês de orientação católica Jacques Maritain, bem como da doutrina cristã e da teoria da economia humana de Lebret.

A consulta aos exemplares da revista da associação *Économie et Humanisme*, uma das publicações editadas pelo seu centro de edições, mostra que o conhecimento prévio de Lebret foi adquirido a partir de artigos publicados sobre a economia dos países

da América Latina, especialmente daqueles que se relacionavam à América do Sul.

A difusão da *Revue Économie et Humanisme* e das publicações das Éditions Ouvrières era um assunto constantemente presente nas correspondências entre Lebret, os demais membros da associação e os diversos interlocutores sul-americanos³. Segundo Breuil (2006), a *Revue Économie et Humanisme*, antes mesmo da primeira estada de Lebret em São Paulo, já possuía oito assinantes nessa cidade, alcançando 50 no início dos anos de 1950 e 150 na década de 1960⁴.

No segundo número dessa revista, em 1942, há um artigo de autoria de René Tocanne (1942) intitulado *La situation économique actuelle de l'Amérique du Sud*, no qual é feita uma análise do comércio de importação e exportação entre América do Sul, Europa e Estados Unidos, assim como da trajetória da economia de cada um dos países latino-americanos. Por sua vez, o texto de Thomas Baudot (1942), *La bataille du blé au Brésil*, apresentado em outra edição de 1942, examina a produção cafeeira, mostrando que esta ocupava uma posição dominante – fato que não era verificado em relação à produção de trigo. A esses dois primeiros, seguem-se quatro artigos que ainda tratam de países desse subcontinente, a saber, Peru, Argentina e Chile⁵.

Os artigos referidos enalteciam, com maior ou menor intensidade, a situação econômica, geográfica e demográfica da América do Sul. Eles continham um viés acentuadamente quantitativo e mostravam uma América do Sul fornecedora de matérias-primas.

³ As correspondências consideradas foram: cartas enviadas por Lebret a Jacques Conchol (22/05/1951) e a Raúl Prebisch (20/01/1955), ambos em Santiago do Chile; carta enviada por Pierre Gervaiseau (secretário adjunto de Lebret, em 06/06/1950) ao padre Léon José Moreau em Bogotá, Colômbia. Cf.: Fond Lebret, AN 45 AS 68.

⁴ Segundo Roldan (2012), a *Revue Économie et Humanisme* era de periodicidade bimestral. Lebret, René Moreux e François Perroux foram os editores da revista entre os anos 1942 e 1944, em Marseille e, em Écully, até o momento em que a França foi liberada da ocupação alemã. Posteriormente, Perroux e Moreux se afastaram da revista, momento em que ela foi transferida para L'Arbresle, situada nos arredores de Lyon, no convento dos dominicanos, local que se tornou a sede da associação.

⁵ O primeiro artigo é uma resenha do livro de L. Baudin (1942); o segundo e o terceiro foram escritos por J. Derouville (1944a, b); o quarto foi produzido por Ph Grau Ros (1944, 1945).

Os problemas apontados relacionavam-se à dificuldade de exportação de minerais, cereais e alimentos, assim como a implantação da industrialização, principalmente no que se referia à infraestrutura de transportes e de energia elétrica. Apesar da perspectiva social da *Revue Économie et Humanisme*, os trabalhos nela publicados não traziam informações sobre as condições de vida dos operários ou da população menos favorecida.

Ao aportar pela primeira vez na América do Sul, Lebret experienciou esse subcontinente, o que lhe permitiu pôr em confronto o vivido com o conhecimento prévio. Os primeiros registros dessa experiência estão registrados no seu Diário⁶, no qual é possível ficar sabendo o que e quem foi conhecendo nas viagens, bem como apreciar os seus comentários sobre a situação social, econômica e política das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, no Brasil, de Montevidéu, no Uruguai, de Buenos Aires, na Argentina, e de Santiago, no Chile.

Uma das passagens do Diário, talvez uma das mais expressivas, denota um sentimento de estranheza de Lebret diante de uma realidade inesperada, para a qual o seu conhecimento prévio e teórico sobre economia política, em especial suas leituras de Marx, não era suficiente (Lebret, 1947c):

Começo a perceber que aqui, ainda nos encontramos na fase do capitalismo comercial, capitalismo industrial [...]. Não há trustes brasileiros, os pseudotrustes são de proprietários individuais ou familiares; os trustes estrangeiros dominam o mercado externo, mas não pelas indústrias [...]. O Brasil não é ainda equipado para o capitalismo. [...] A burguesia com características liberais encontra na sua sombra um abrigo seguro; em verdade, ela não tem com o que se inquietar. Nessas condições, seria tolice aplicar aqui as formulas válidas para os países industrializados [...]. Vou ter que modificar para esse país muitas de nossas perspectivas e, eu não vejo ainda claro. (Cópia do Diário datilografada, AN 45 AS 180, dia 27/04/1947, p. 13 e 14 – tradução do autor).

⁶ O Diário, ou *Journal*, de Lebret é um manuscrito encontrado nos *Archives du Père Lebret* (AN 45), no acervo do *Centre des Archives Contemporaines*, em Fontainebleau, na França (Lebret, 1947c).

Em outra passagem, suas palavras já expressavam uma maior segurança diante do novo e do desconhecido (Lebret, 1947c):

Ainda estou atordado diante desta civilização que se procura a si mesma. Ninguém tem ideia do que se pode fazer de longe; é preciso revisar todas as perspectivas. Felizmente, o encontro com alguns homens me ajudou a decifrar o enigma. (Cópia do Diário datilografada, AN 45 AS 180, dia 02 e 03/06/1947, p. 37, tradução do autor).

A interpretação que foi sendo construída por Lebret sobre a América do Sul é encontrada difusamente em diversas passagens de seu Diário. São anotações sobre os seguintes temas: fragilidades econômicas, políticas e sociais; carências de alimentação, de infraestrutura e de conhecimento; miséria, fome e exploração das populações pobres na cidade e no campo; ditaduras e ausência de qualquer reação das elites frente a esses fatos.

Esses registros, escritos de forma informal e cotidiana, ganharam uma expressão ordenada e bastante emotiva na *Lettre aux Américains*, produzida quando de seu retorno à França.

A elaboração dessa carta não foi um gesto impetuoso de Lebret. Em manuscritos existentes no *Fonds Économie et Humanisme - Archives du Père Lebret*, alguns registros evidenciam que ela foi sendo construída à medida que fatos e experiências aconteciam. Lebret constatou que os conceitos adotados na Europa não podiam ser entendidos da mesma forma na América do Sul, pois eles adquiriam ali distorções: “Nossas palavras ‘república’, ‘capitalismo’, ‘propriedade’, ‘proletariado’, ‘campesinato’ para citar algumas entre tantas outras, se aplicam a vós [americanos] apenas por analogia” (Lebret, 1947b, p. 5). Esse descompasso entre o vivido e o conhecido lhe provocou um choque intelectual e humanitário.

Em que consistiu essa carta? Uma exposição contundente de seus sentimentos, uma catarse filosófica e religiosa, uma visão anti-imperialista, antifascista e anticomunista? Lebret escreveu que era “um ensaio de interpretação” (Lebret, 1947b, p. 6).

Na *Lettre aux Américains*, há descrições, quadros factuais, dados estatísticos, tais como: concentração industrial, com inexistência de ferrovias e de estradas; crescimento das cidades sem limites territoriais e construtivos, com bairros residenciais ricos, bonitos e confortáveis, bem como habitações miseráveis e

precárias nos bairros antigos quanto nos populares. Lebret denominou essas constatações de “fenômeno mórbido” (Lebret, 1947b, p. 13). O subdesenvolvimento apresentava, segundo ele, as seguintes características: populações mal alimentadas, mal protegidas, sem moradia, sem saúde e sem instrução; estruturas institucionais e legislações arcaicas; governos e elites que preservavam seus privilégios; insuficiência de bens essenciais; desequilíbrio econômico e desigualdades gritantes entre cidades e bairros.

Verifica-se, ainda, na carta, uma referência ao livro de Josué de Castro, *a Geografia da fome*, e ao discurso do senador José Américo de Almeida. Ambos serviram de apoio ao argumento de Lebret de que a situação dos menos favorecidos na América do Sul era um escândalo político e social.

Lebret tomou conhecimento dessa obra de Castro em sua passagem pelo Brasil, em 1947. Isso redundou na aprovação de publicação de textos desse geógrafo na *Revue Économie et Humanisme* (Castro, 1948). Em 1948, por exemplo, foi publicado o artigo *Terre des hommes, terre de la faim*. Por conseguinte, o livro *Geografia da fome*, traduzido para o francês, teve sua primeira edição publicada em 1949, e a segunda, em 1952.

Vale assinalar, no entanto, que a citação desse autor e de sua obra por Lebret na *Lettre aux Américains* representa uma convergência de ideias e de ações que se consolidou à medida que foram sendo efetivados contatos e trabalhos em conjuntos.

Castro, quando vice-presidente da Comissão Nacional do Bem-Estar Social⁷, convidou Lebret para participar da pesquisa sobre níveis de vida em 24 cidades brasileiras, publicada em 1954. E mais, estando no exercício da Presidência do Conselho da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), ele contratou o padre dominicano para a elaboração de pareceres e trabalhos.

Castro e Lebret estabeleceram uma ímpar relação de trocas intelectuais, ambos contribuíram para a formação de seus pensamentos, e essa convergência aconteceu porque eles tinham como objetivo comum o modo de exercer suas labutas: a vinculação dos conhecimentos científicos à ação militante ou profissional.

⁷ No segundo Governo de Getúlio Vargas, a Comissão Nacional do Bem-Estar Social foi criada em outubro de 1952, ligada ao Ministério do Trabalho. Ela teve o ministro do Trabalho como presidente e Josué de Castro como vice-presidente.

Lebret, em *Lettre aux Américains*, entendia a América do Sul como um subcontinente de contrastes – miséria e abundância, opulência e penúria –, de subdesenvolvimento, e também como uma área que sofria um deslocamento cultural, um processo de hibridismo de ideias e práticas, efeito da adoção de teorias econômicas, políticas, sociais e urbanísticas norte-americanas distintas das tradições europeias as quais ele estava familiarizado.

O contexto político mundial era o da Guerra Fria, do combate ao comunismo, do papel dominante dos Estados Unidos no jogo geopolítico mundial, do peronismo argentino, do recém-desfecho da ditadura de Vargas e da volta do Partido Comunista do Brasil (PCB) à legalidade no Brasil, embora por um curto período.

Em maio de 1947, Lebret participou de uma discussão com os dirigentes da UDN, especialmente com José Américo de Almeida, Eduardo Gomes e Juarez Távora, sobre a interdição do PCB. Lebret, ao condenar tal interdição, foi acusado de ser “simpatizante do comunismo”, o que lhe rendeu dissabores com a ala conservadora da Igreja Católica no Brasil, largamente dominada pela corrente integralista. Tais notícias chegaram a Roma, e Lebret ficou impedido de voltar ao Brasil. Só após gestões empreendidas por vários clérigos, inclusive Dom Helder Câmara, e por intelectuais e políticos, como Josué de Castro e de Lucas Nogueira Garcez, então governador de São Paulo, Roma permitiu que ele retornasse à América do Sul, em 1952.

Considerando esse contexto, é permitido indagar: o entendimento sobre a América do Sul construído por Lebret, desde sua primeira estada e elaboração da *Lettre aux Américains*, permaneceu sem alterações, mesmo que ele tenha realizado outras viagens até 1965?⁸

A resposta a essa questão passa pelo conhecimento da crise vivenciada por *Économie et Humanisme*, ou melhor, entre essa associação e o padre dominicano Henri Desroches, durante os anos de 1949 e 1951. A pesquisa sobre o marxismo à qual se dedicara no momento de fundação da *Économie et Humanisme*

⁸ Segundo o Diário de Lebret (AN 45, bobinas de microfilmes 1, 2, 3 e 4), ele realizou viagens aos países da América do Sul nos seguintes anos: 1947, Brasil, Uruguai, Argentina e Chile; 1952, Brasil; 1953, Brasil, Colômbia e Peru; 1954, América Latina; 1955, “viagem em torno do mundo”; 1956, Brasil, Venezuela e Colômbia; 1957, Brasil; 1958, Brasil; 1960, *Grand voyage*; 1961, *Journal parisien*; 1964, Venezuela; 1965, Brasil e Uruguai (Lebret, 1947c).

não se manteve igual após a liberação da França da ocupação alemã. Por sua vez, porém, o sociólogo e padre dominicano Henri Desroches permaneceu estabelecendo convergências entre o cristianismo e o marxismo. Seus artigos aparecem em diversas revistas, como *Revue Économie et Humanisme*, *Idées et forces*, *Esprit* e *Cahiers de Jeunesse de l'Église*. A partir deles, Desroches publicou o livro *Signification du marxisme*, em 1949, no qual explicitou a possibilidade de colaboração entre católicos e comunistas.

Inicialmente, esse livro teve uma recepção favorável. Entretanto, diante da reação do Santo Ofício, em Roma, e dos embates no interior dos movimentos cristãos franceses, a obra passou a ser criticada, inclusive no âmbito da ordem dominicana, o que conduziu Lebreton a convocar a Jornada de Estudos de Pentecostes, em maio de 1950, momento em que pôs essa reação em discussão. Desroches não obteve apoio dos participantes da jornada e, frente a seu isolamento, anunciou sua saída de *Économie et Humanisme* e da ordem dominicana. Para Pelletier (1996), essa crise levou a associação e, em especial, a sua direção central a abandonar paulatinamente a utopia comunitária e a se voltarem para outro terreno de experimentação: o terceiro-mundismo católico e a formação de especialistas. O caminho adotado foi a elaboração de estudos e trabalhos de planejamento urbano e regional, principalmente na América do Sul, e a fundação do *Institut International de Recherche et de Formation, Éducation Culture Développement* (IRFED), em 1958.

A *Revue Économie et Humanisme* manteve a mesma linha editorial até 1948. Ao longo desse período, priorizou a publicação de textos sobre os princípios perseguidos pela associação, sobre conceitos e métodos de economia humana e das pesquisas sociais, além de artigos sobre conjunturas econômicas de países diversos, como os anteriormente referidos. Porém, em 1948, a Revista foi compartimentada, uma parte passou a ser intitulada *Idées et Force*, e outra, *Diagnosticque Économique et Social*⁹.

⁹ Segundo Roldan (2012), as duas partes podem ser assim entendidas: a primeira, um caderno trimestral, sob a direção de Desroches e Guilhaud; a segunda, com artigos de conjunturas econômicas, sob a direção de Lebreton e Delprat. Essa partição de duas publicações em uma mesma encadernação provavelmente acomodava as diferenças pulsantes no interior de *Économie et Humanisme*. A partir do número publicado no segundo trimestre de 1950, a revista passou a ser apenas *Le Diagnostic Economique et Social*, com mesma direção e periodicidade mensal.

Os trabalhos publicados na revista passaram a apresentar certa convergência quanto às questões postas por Lebreton na *Lettre aux Américains* não só pelo tom crítico, mas também pela reação à influência estadunidense, algo que conferiu maior amplitude argumentativa à dimensão política que a economia¹⁰.

Lebreton, em parceria com Raymond Delprat, voltou a falar da América Latina em uma edição de 1952, dedicada aos temas da produtividade, dos níveis de vida e da civilização¹¹. Dados relativos aos níveis de consumo e de produção constantes nesse artigo foram representados em diagramas circulares¹², evidenciando que os melhores níveis eram aqueles da América do Norte, seguidos pela Oceania e da Europa Ocidental. Os piores níveis eram os da África, China e do Oriente Próximo – à América Latina coube o sétimo lugar. Os últimos países, citados em conjunto, constituíam as regiões subdesenvolvidas do mundo.

Na edição n. 80, publicada em 1953, há um pequeno texto assinado por A.C., presumivelmente de André Chomel (1953), então secretário de redação da revista, intitulado *Les crises endémiques de l'Amérique Latine*. O artigo retoma o tom político de contraposição às ditaduras então presentes na América Latina, chegando a chamar os militares que implantaram tais regimes de “generais de opereta”.

Do exposto, pode-se dizer que o entendimento da revista sobre a América Latina não difere substantivamente daquele da *Lettre aux Américains*, na medida em que o subdesenvolvimento é apresentado como algo que está presente no nível de consumo, nos equipamentos de base, nos rendimentos industriais,

¹⁰ Na edição n. 13 de 1950, consta o artigo de J. B. dos Santos (1950), no qual estão expostas as disputas entre os governos do Brasil e da Argentina, e os trustes internacionais. E no de Perrodon (1950), tem-se um discurso politizado de crítica à ditadura venezuelana, de denúncia à situação de servidão dos operários que trabalhavam na extração petrolífera e de domínio das empresas americanas.

¹¹ No artigo, eles discorrem sobre os níveis de consumo e de produção em dez zonas do mundo, quais sejam: América do Norte, Oceania, Europa Ocidental, União Soviética, Japão, Europa Oriental, América Latina, Próximo Oriente, China e África.

¹² Os diagramas representam os fundamentos teóricos e analíticos do método elaborado por *Économie et Humanisme*, sintetizados no texto escrito por Lebreton e Desroches de 1944 (Lebreton & Desroches 1944a, b).

no desenvolvimento cultural das elites, na ignorância dos povos pobres e da escassez de quadros técnicos.

O desenvolvimento: um conceito dinâmico a ser construído

Com o término da Segunda Guerra Mundial e a desocupação da França pelos alemães, o problema das destruições das cidades, das infraestruturas e das habitações tornou-se imenso e complexo. A necessidade de reconstrução das cidades e de um país se somou ao crescimento demográfico, tornando a tarefa de grande envergadura para o governo, para os intelectuais e também os movimentos cristãos, entre os quais o *Économie et Humanisme*.

Em 1945, a direção de *Économie et Humanisme* entrou em contato com o Ministério de Reconstrução e Urbanismo para propor a elaboração de estudos sobre a habitação¹³. Esses estudos foram contratados pelo então ministro Eugène Claudius-Petit, que, vindo da resistência, encampou a ideia de *aménagement du territoire*, em um debate entre os intelectuais franceses (Fond Lebret, AN 45 AS 87). Outra contribuição do ministro foi a comunicação proferida ao Conselho de Ministros da França, em 1950, intitulada *Pour un plan national d'aménagement du territoire*, na perspectiva de tornar a política de ordenamento do território uma questão nacional.

O momento exigia reflexões tanto teóricas como de ação. Nesse sentido, Lebret procedeu à inter-relação do método de análise aplicável às unidades territoriais com o seu entendimento de subdesenvolvimento e com os estudos realizados na França e em outros países, em especial nos países da América do Sul. As primeiras reflexões estão no artigo *L'aménagement du territoire*, publicado em *Le Diagnostique Économique et Social* (Lebret, 1951). A esse se seguiram outros dois escritos por Paul Viau (1951) e M. Laloire (1951). Entretanto, para fazer frente às urgências do momento, a associação *Économie et Humanisme* organizou uma semana de estudos sobre o tema do ordenamento do território em La Tourette, em 1952, com preparação de Georges Célestin. Dessa semana participaram,

além de Claudius-Petit, dezenas de especialistas de diversas formações empenhados em precisar o conteúdo conceitual dessa noção de ordenamento, cujo resultado foi a *Charte d'aménagement*¹⁴.

No artigo *L'aménagement, problème économique, problème humain*, de 1953, Lebret pôs essa noção em um quadro teórico mais amplo. O desafio maior era teorizar sobre desenvolvimento, tendo em mente não apenas contemplar as necessidades do pós-guerra presentes na Europa, em particular na França, mas também fazer uma contraposição ao subdesenvolvimento presente nos países do terceiro mundo, em especial na América do Sul. O *aménagement*, ou planejamento territorial, urbano e regional, passou a ser considerado um elemento central para a implantação do desenvolvimento. A palavra *développement* foi posta em diversas frases desse artigo entre aspas, de modo a mostrar que era um conceito em construção e, ademais, outro momento do pensamento lebretiano (Lebret, 1953b, p. 4).

Lebret classificava os países em três condições: desenvolvidos, em desenvolvimento e subdesenvolvidos. O acento nas condições dos países subdesenvolvidos passou a ser minimizado nos argumentos, pois o tripé conceitual em construção era o de desenvolvimento-planejamento-civilização, orientado pelo princípio do bem comum. Advogava Lebret que a complexidade conceitual exigida por esse tripé estava fundamentada no preceito de que o homem, em sua completude, consistia na síntese do pensamento com a ação. Esse preceito não era de todo novo, uma vez que estava referenciado na doutrina social da Igreja, nos princípios tomistas da ordem dominicana e em Maritain.

Ao elaborar um entendimento sobre desenvolvimento, os grandes conjuntos continentais passaram a ser o foco de Lebret. Nesse sentido, o artigo *Amérique du Sud, Extrême-Orient, Moyen-Orient*, escrito a partir das anotações de seu Diário, quando de sua viagem “em torno do mundo” em 1955, relata a descoberta da diversidade e da riqueza das culturas asiáticas.

Como esse artigo foi elaborado a partir de extratos de seu Diário, o estilo adotado foi o de frases curtas.

¹³ O Ministério de Reconstrução e Urbanismo (MUR) foi criado em 1944 pelo Governo Provisório da República Francesa (GPRF) do General de Gaulle. Entre os estudos realizados, cabem ser citados aqueles elaborados em Marseille, Nantes, Lyon e Saint-Étienne.

¹⁴ Nessa carta consta como definição de *aménagement du territoire*: “A Ordenação do Território é, ao mesmo tempo, uma disciplina científica e prática, na qual o homem está em primeiro lugar, como sujeito de necessidade, como agente da valorização” (Lebret, 1953a, p. 79 – tradução do autor).

O foco empírico está sucintamente descrito para cada continente, país a país, e os comentários nem sempre estão apoiados em argumentos teóricos, mas em suas concepções religiosas e ideológicas. Assim, pode-se dizer que são expressões, percepções e sentimentos de um intérprete-viajante culto e bem informado. São leituras e olhares advindos do vivido.

Lebret mostrou que havia similaridades nos problemas entre os continentes, quais sejam: recursos que aumentavam em menor rapidez que a população; povos que desejavam a independência de seu país; capitalismo que continuava a ignorar o homem; comunismo que se tornava cada vez mais a esperança dos pobres. Desse modo, ele retomou temas que vinham sendo tratados desde 1947, seja no próprio Diário, seja na *Lettre aux Américains*, e que podem ser sintetizados nos debates sobre subdesenvolvimento e nas críticas aos sistemas econômicos capitalista e comunista.

Os enunciados que Lebret formulou sobre os países da América do Sul, em *Amérique du Sud, Extrême-Orient, Moyen-Orient*, denotam um olhar particularizado para cada lugar: Brasil, “diversidade e imensos recursos naturais”; Uruguai, “país a explorar”; Argentina, “uma das terras mais privilegiada do globo”; Bolívia, “um país a cavalo sobre os Andes, sem acesso pelo mar”; Peru, “a tradição Inca e seus problemas modernos”; Colômbia, “um país de paradoxos”; Chile, “um país e suas forças progressivas” (Lebret, 1955b, p. 5-9). Esses enunciados, compreendidos como possibilidades para empreender o desenvolvimento, foram formulados com o intuito de estabelecer um diálogo com as concepções e práticas propaladas pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL).

Cabe notar que a teoria do desenvolvimento elaborada pela CEPAL constituiu para Lebret uma referência a ser considerada, embora ele tenha mantido a sua própria concepção, sem estabelecer com aquela, isto é, com a teoria cepalina, polêmicas ou disputas. Raúl Prebisch, em “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns problemas principais”, escrito em 1949, quando era presidente da CEPAL, apresentou sua compreensão da América Latina “[...] como parte da periferia do sistema econômico mundial, [com] o papel específico de produzir alimentos e matérias-primas para os grandes centros industriais” (Prebisch, 2000, p. 71). Ele demonstrou que existia um desequilíbrio patente entre as condições

de produção e as de consumo, entre preços e salários, entre esse continente e aqueles industrializados ou desenvolvidos. Entretanto, esse desequilíbrio não se alicerçava na divisão internacional do trabalho, mas em questões estruturais particulares, intrínsecas ao movimento cíclico da economia e à forma como ele se manifestava no centro e na periferia:

[...] em outras palavras, enquanto os centros preservaram integralmente o fruto do progresso técnico de sua indústria, os países periféricos transferiram para eles uma parte do fruto do seu próprio progresso técnico (Prebisch, 2000, p. 75 e 83).

A abordagem econômica de Lebret era distinta da de Prebisch, principalmente quanto ao método. Para Bielschowsky (2000), o pensamento cepalino encampava o método histórico-estruturalista, dado que Prebisch e outros integrantes da CEPAL estabeleceram um

[...] corpo analítico específico, aplicável a condições históricas próprias da periferia latino-americana [...][,] baseado na ideia da relação centro-periferia [...][,] [com] enfoque orientado pela busca de relações diacrônicas, históricas e comparativas (Bielschowsky, 2000, p. 15-17).

Vale evocar, ainda, Bosi (2010, p. 259), por este enriquecer a compreensão da distinção das abordagens econômicas de Lebret e Prebisch: o primeiro, para esse autor, “partia de um sentido ético-religioso para conhecer”; já o segundo “conferia um sentido político ao processo”.

Pelletier (1996) sintetizou as matrizes religiosa e sociológica de Lebret como um pensamento aristotélico-tomista, fundamentado no ideal cristão do engajamento e no primado dos valores espirituais sobre os da vida material, além de estar conformado no esquema metodológico postulado-investigação-ação. A esse pensamento, estava associado um método de análise da economia e da sociedade inspirado em Le Play, Chombart de Lauwe, Karl Marx e em contribuições da Escola de Chicago, como mostrou Valladares (2006). No pensamento lebretiano, não consta a ideia de relação centro-periferia nem de fases distintas de uma formação econômica, mas a de economia humana, de manutenção das estruturas de poder e privilégios que negavam os ideais do bem comum.

Lebret, por um lado, entendia a América Latina como um território em que eram identificadas situações

econômicas, sociais e políticas similares – pequena produtividade, processos produtivos tradicionais, disparidades de rendas e de níveis de vida, esquemas de privilégios sólidos; por outro, ele enaltecia a formação cultural distinta de cada país, compreendendo-a como uma potencialidade, um valor.

A economia humana, para Lebret, era uma economia das necessidades, repartida em três classes: primárias, de necessidade e dignidade; secundárias, ou de conforto; terciárias, ou de superação. Todavia, como afirma Pelletier (1996, p. 102), essa tripartição estava bem longe dos três setores clássicos que descrevem uma economia, “[...] [ela] é menos descritiva que metafísica: ela indica uma hierarquia de valores”. Na Figura 1, encontram-se as categorias adotadas por Lebret para avaliar os níveis de consumo e de produção em dez áreas do mundo, tais como os de estabilidade familiar para avaliar o nível terciário, os de lugares de cinema para compor o secundário e o de esperança de vida para medir o primário.

A abordagem e os elementos analíticos de Lebret eram diversos daqueles adotados pela teoria das condições periféricas de desenvolvimento, formuladas por Prebisch e baseada em referências de preços, salários, renda nacional *per capita*, exportação e importação, bens de consumo duráveis, bens de capital e balança de pagamentos. Entretanto, um ponto de convergência entre elas pode ser explicitado: a desigualdade estrutural entre a América Latina, a Europa e a América do Norte como fenômeno específico.

Cabe ainda destacar que Lebret, desde a *Lettre aux Américains* e em outros artigos publicados na *Revue Économie et Humanisme*, demonstrava uma posição crítica ao modo como os Estados Unidos penetravam nos países da América do Sul, exploravam seus recursos – sem conceder contrapartidas economicamente equivalentes –, atuavam como trustes aliados às elites conservadoras e, principalmente, como se opunham às ditaduras presentes nos países sul-americanos. Essa posição abertamente crítica aos Estados Unidos, às elites latino-americanas e às ditaduras está ausente em Prebisch, conforme se observa nos textos consultados.

O desenvolvimento harmônico: um processo e uma prática

O final dos anos de 1950 foi marcado por acontecimentos que promoveram acomodações no

pensamento e na ação de Lebret. Na França, ele foi nomeado diretor de pesquisa do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) e participou, ao lado de outros especialistas, de uma conferência na Organização das Nações Unidas (ONU) sobre níveis de vida, visando à elaboração de critérios para medir o desenvolvimento econômico. Esses fatos vão ao encontro de uma inferência de Pelletier (1996), qual seja, a de que Lebret tornou-se um economista reconhecido no âmbito das instituições de pesquisa francesas e dos organismos internacionais.

A criação de uma articulação dos países da América do Sul foi um dos objetivos buscado por Lebret desde sua primeira estada nesse subcontinente em 1947. Para tanto, foram formados os grupos locais *Économie et Humanisme* e a ODCA, integrados por especialistas que elaboraram os estudos de planejamento urbano e regional, acrescentando experiência técnica e metodológica ao método da *Économie et Humanisme*.

A organização de eventos foi outra estratégia escolhida para promover o estabelecimento de contatos entre franceses, brasileiros, uruguaios, argentinos, peruanos, chilenos, colombianos e venezuelanos, tendo sido realizados: o I Congresso Internacional de Economia Humana, na cidade de São Paulo, em 1954; a Sessão Interamericana de Economia Humana, em Montevidéu, no ano de 1957, cujo resultado foi a criação do *Centro Latinoamericano de Economía Humana* (CLAEH) e dos *Cuadernos Latinoamericanos de Economía Humana*, em 1958. Foram publicados 16 números dos *Cuadernos*, entre 1958 e 1967, com temas econômicos, sociais, populacionais, urbanísticos, sociológicos e religiosos, entre os quais se destacam: o desenvolvimento na América Latina, a formação de um mercado comum e os problemas de moradia urbana.

Lebret publicou, entre 1955 e 1958, três artigos que mostram como suas ideias sobre o desenvolvimento e sobre a América Latina estavam permeadas por esses acontecimentos. Na *Revue Économie et Humanisme*, n. 89, de 1955, foi publicado *Économie humaine, politique, civilisation* (Lebret, 1955a), no qual ele apresentou uma caracterização do subdesenvolvimento, mas a fez de modo ampliado para o cenário geopolítico mundial – daí o fato de possuir um acento político e uma classificação condizente com as diferentes situações continentais. Esse mesmo artigo foi republicado no primeiro número dos *Cuadernos Latinoamericanos de Economía Humana* com o título *Economía humana, política, civilización* (Lebret, 1958a); enquanto isso, na

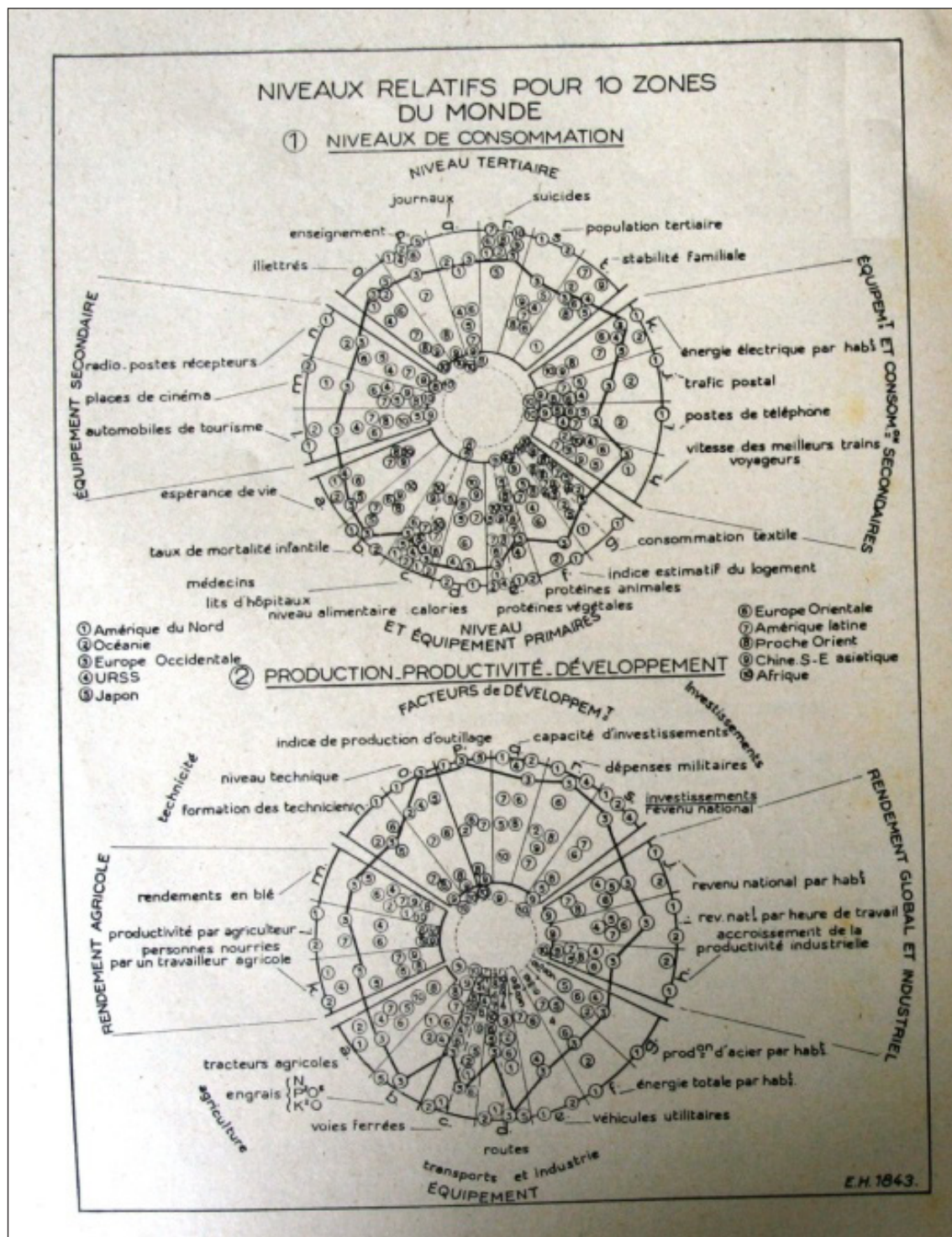


Figura 1 - Diagrama sobre os níveis relativos às dez zonas do mundo

Fonte: Lebrat & Delprat (1952, p. 46).

Revue Économie et Humanisme, foi publicado, no mesmo ano, *Développement harmonisé et économie humaine* (Lebrat, 1958c), texto que contemplava as dimensões econômica, sociológica e política com vistas a indicar caminhos que possibilitassem o desenvolvimento da

capacitação técnica de especialistas e estimulassem a vontade dos governantes alcançarem uma situação sem fome e miséria.

A adoção, por parte de Lebrat, das concepções propagadas por Castro fica mais evidente no artigo

Economía humana, política, civilización do que na *Lettre aux Américains*, pois partes de seu conteúdo conceitual e de suas categorias analíticas convergem para as pesquisas de Castro (1935), a saber, Condições de vida das classes operárias do Recife (elaborada em 1933 e publicada em 1935), Comissão de inquérito para estudo da alimentação do povo brasileiro (1936) e, especialmente, Níveis de vida em 24 cidades brasileiras (1954). Nesta última pesquisa, Lebret participou como consultor tanto na construção metodológica quanto na produção do capítulo interpretativo anexado ao relatório¹⁵.

Em *Economía humana, política, civilización*, Lebret definiu a economia humana como:

[...] disciplina de pensamento e de ação, ciência e arte, da passagem para uma população determinada, mais ou menos homogênea, de uma fase menos humana a outra mais humana, no ritmo mais rápido e no menor custo, tendo em conta o desenvolvimento solidário de todas as populações (Lebret, 1958a, p. 26, tradução do autor).

Esse entendimento adquiriu um viés menos utópico e mais contundente em *Développement harmonisé et économie humaine*, ao tornar-se parte integrante da teoria do desenvolvimento harmônico. Essa teoria orientava-se não apenas pelo humanismo ou por fins não exclusivamente econômicos, mas também, e sobretudo, por um processo técnico e político – o planejamento em escala internacional –, fundamentado em uma perspectiva que buscava tornar congruentes diferenças entre leigos e religiosos, teoria e aplicação, economia e sociologia, dirigentes econômicos e dirigentes políticos.

O terceiro artigo de autoria de Lebret no ano de 1958 foi *Niveles de vida de los obreros brasileiros*, publicado no segundo volume dos *Cuadernos Latinoamericanos de Economía Humana*, dando a conhecer ao público latino-americano o capítulo interpretativo da pesquisa níveis de vida em 24 cidades brasileiras (Lebret, 1958b, p. 209).

Dois outros artigos de Lebret foram ainda publicados nos *Cuadernos Latinoamericanos de Economía Humana*:

Conjunto de estudios que supone el desarrollo controlado (Lebret, 1960) e *Investigación sobre los aspectos humanos del desarrollo* (Lebret 1964a). No primeiro, Lebret fez uma síntese dos procedimentos metodológicos experimentados nos planos elaborados pela Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais (SAGMACS), em especial os estudos contratados pela Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai (CIBPU)¹⁶, assim como pelas obras *Manuel de l'enquêteur* (Lebret, 1952) e *Guide pratique de l'enquête social: l'enquête urbaine* (Lebret & Bride, 1955). Alguns desses procedimentos foram publicados em língua espanhola como base para a elaboração de planos nacionais e regionais. No segundo, Lebret afirmou que, para o alcance do desenvolvimento, era necessário introduzir as questões postas pelos valores e pelas civilizações – tema que ele retomou de outros artigos, sem modificar o conteúdo.

Em 1964, Lebret voltou a escrever sobre a América do Sul ao ser convidado para participar do *Simpósio Desarrollo y Promoción del Hombre*, promovido pelo *Instituto para el Desarrollo Económico y Social* (IDES), unidade do governo da Venezuela, na cidade de Caracas. Nesse evento, Lebret proferiu duas palestras, a de abertura e a de conclusão, intituladas, respectivamente: *El desarrollo en función de los valores humanos* e *Síntesis del Simposio* (Lebret, 1964b, AN 45 AS 143).

Entre os seus manuscritos, consta um com o título *La place de l'Amérique Latine* (Lebret, 1964b, AN 45 AS 143). É um texto singular tanto pela simplicidade quanto pela contundência do tratamento dado a esse território. A confrontação entre o manuscrito e os artigos apresentados no simpósio, posteriormente publicados, permite verificar que se trata dos mesmos textos.

Nesse manuscrito, escrito em 1964, dois anos antes de sua morte, Lebret recolocou em grande medida as questões centrais que haviam sido postas na *Lettre aux Américains*: classificou a América Latina como subdesenvolvida, tal como o era a maior parte dos países do Sudoeste da Ásia, do Oriente Médio, da África e do Extremo Oriente. Esses territórios compreendiam o que se nomeava, então, como Terceiro Mundo, um “complexo impreciso” conceitual e empiricamente.

¹⁵ A pesquisa Níveis de vida em 24 cidades brasileiras foi uma das ações da Comissão do Bem-Estar Social, criada, como dito em outra nota, no segundo governo de Getúlio Vargas (1950-1954). A publicação tomou o nome de A Pesquisa Brasileira de Padrões de Vida (Brasil, 1954).

¹⁶ Segundo Chiquito (2011), a Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai (CIBPU) foi um organismo criado em 1951 por meio de um convênio de cooperação celebrado entre sete Estados brasileiros, tendo atuado no planejamento e no projeto de obras de desenvolvimento da região.

Embora algumas das nações que lhe constituem já apresentassem um processo de industrialização, a disparidade social era uma de suas marcas mais permanentes e gritantes. O sentido de suas palavras no conjunto textual mostra que Lebret sabia o quão difícil era promover o desenvolvimento e o quão fácil era manter o subdesenvolvimento.

Lebret construiu um entendimento sobre a América Latina, uma leitura sobre o subdesenvolvimento e uma abordagem sobre o desenvolvimento, cujos postulados estavam fundados em teorias e paradigmas ligados à sociologia, à economia e à doutrina social da Igreja. Ser reconhecido como um pensador foi uma de suas aspirações. Afirmar que sua ideia sobre desenvolvimento constituiu-se em uma das vertentes econômicas presentes na América do Sul pode não ser consensual entre os juízos historiográficos; por sua vez, a verificação de que contribuiu para a formação de muitos intelectuais, em especial dos católicos, ou melhor, da esquerda cristã, é algo que não pode ser refutado.

Referências

- Astier, I., & Laé, J.-F. (1991). La notion de communauté dans les enquêtes sociales sur l'habitat en France. Le groupe d'Économie et humanisme, 1940-1955. *Genèses*, 5(5), 81-106. <http://dx.doi.org/10.3406/genes.1991.1078>.
- Baudin, L. (1942). Les Incas du Pérou, essais sur le socialisme. *Revue Economie et Humanisme*, 4, 593-594.
- Baudot, T. (1942). La Bataille du Blé au Brésil. *Revue Economie et Humanisme*, 4, 580-585.
- Bielschowsky, R. (2000). *Cinquenta anos de pensamento na Cepal*. Rio de Janeiro: Record.
- Bosi, A. (2010). Lugares de encontro: contraideologia e utopia na história da esquerda cristã. Lebret e Economia e Humanismo. In A. Bosi. *Ideologia e contraideologia: temas e variações*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Brasil. Ministério do Trabalho. (1954). A pesquisa brasileira de padrões de vida. *Revista do Serviço Social*, 72, 11-64.
- Breuil, M. L. T. (2006). *Le père Lebret et la construction d'une pensée chrétienne sur Le développement: dans le sillage de médèles politiques et intellectuels émergents au Brésil, 1947-1966*. Paris: Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, mémoire de máster II.
- Castro, J. (1935). *Condições de vida das classes operárias do Recife*. Recife: Departamento de Saúde Pública.
- Castro, J. (1948). Géographie de la faim. *Revue Économie et Humanisme*, 36.
- Chiquito, E. A. (2011). *A Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí: do planejamento de vale aos polos de desenvolvimento* (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos.
- Chomel, A. (1953). Les crises endémiques de l'Amérique latine. *Revue Economie et Humanisme*, 80, 32.
- Compagnon, O. (2000). L'Amérique latine. In J.-M. Mayeur (Ed.), *Histoire du christianisme: crises et Renouveau, de 1958 à nos jours* (p. 509-577). France: CCSD. Recuperado em 2 de fevereiro de 2016, de <https://hal.archives-ouvertes.fr/halshs-00009733/>
- Derouville, J. (1944a). L'industrialisation de l'Argentine. *Revue Economie et Humanisme*, 12, 179-182.
- Derouville, J. (1944b). L'argentine et son évolution économique. *Revue Economie et Humanisme*, 11, 78-87.
- Laloire, M. (1951). L'Aménagement du territoire en Belgique. *Revue Le Diagnostique Économique et Social*, 29, 322-326.
- Lebret, L.-J. (1947a). *Découverte du bien commun: mystique d'un monde nouveau*. Paris: Edition Economie et Humanisme.
- Lebret, L.-J. (1947b). Letre aux américains. *Revue Economie et Humanisme*, 34, 561-580.
- Lebret, L.-J. (1947c). *Archives du Père Lebret (AN 45)*. França: Centre des Archives Contemporaines. Manuscrito.
- Lebret, L.-J. (1951). L'Aménagement du territoire. *Revue Le Diagnostique Économique et Social*, 23, 90-97.
- Lebret, L.-J. (1952). *Guide Pratique de l'enquête sociale: manuel de l'enquêteur*. Paris: Press Universitaires de France, I.
- Lebret, L.-J. (1953a). Charte d'aménagement. *Revue Économie et Humanisme*, 79, 79.
- Lebret, L.-J. (1953b). L'aménagement, problème économique, problème humain. *Revue Economie et Humanisme*, 79, 3-7.
- Lebret, L.-J. (1955a). Economie humaine, politique, civilization. *Revue Economie et Humanisme*, 89, 5-18.
- Lebret, L.-J. (1955b). Amérique du Sud, Extrême-Orient, Moyen-Orient. *Revue Economie et Humanisme*, 93, 5-16.

- Lebret, L.-J. (1958a). Economía Humana, Política, Civilización. *Cuadernos Latino-americanos de Economía Humana*, 1, 20-33.
- Lebret, L.-J. (1958b). Niveles de vida de los obreros brasileiros. *Cuadernos Latino-americanos de Economía Humana*, 2, 196-211.
- Lebret, L.-J. (1958c). Développement harmonisé et économie humaine. *Revue Economie et Humanisme*, 113, 317-322.
- Lebret, L.-J. (1960). Conjunto de estudios que supone el desarrollo controlado. *Cuadernos Latino-americanos de Economía Humana*, 8, 183-194.
- Lebret, L.-J. (1964a). Investigación sobre los aspectos humanos del desarrollo. *Cuadernos Latino-americanos de Economía Humana*, 15, 195-201.
- Lebret, L.-J. (1964b). El desarrollo en función de los valores humanos y Síntesis del Simposio. In Instituto para el desarrollo económico y social IDES (Ed.), *Desarrollo y promoción del hombre*. Caracas: IDES.
- Lebret, L.-J. & Bride, R. (1955). *Guide pratique de l'enquête sociale: l'enquête urbaine*. Paris: Press Universitaires de France, III.
- Lebret, L.-J., & Delprat, R. (1952). Niveau de consommation et de production dans les dix zones du monde. *Revue Economie et Humanisme*, 74, 22-53.
- Lebret, L.-J., & Desroches, H. (1944a). La méthode d'Économie et Humanisme II. *Revue Economie et Humanisme*, 13, 225-258.
- Lebret, L.-J., & Desroches, H. (1944b). La méthode d'Économie et Humanisme I. *Revue Economie et Humanisme*, 12, 121-134.
- Pelletier, D. (1996). *Economie et Humanisme: de l'utopie communautaire au combat pour le tiers-monde, 1941-1966*. Paris: Les Éditions du Cerf.
- Perrodon, A. (1950). Les rivalités pétrolières en Amérique latine. *Revue Économie et Humanisme*, 14, 150-154.
- Prebisch, R. (2000). O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns problemas principais. In R. Bielschowsky (Eds.), *Cinquenta anos de pensamento na Cepal*. Rio de Janeiro: Record.
- Roldan, D. D. (2012). *Um ideário urbano em desenvolvimento: a experiência de Louis-Joseph Lebret em São Paulo de 1947 a 1958* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ros, Ph. G. (1944). L'évolution économique du Chili. *Revue Economie et Humanisme*, 16, 558-573.
- Ros, Ph. G. (1945). L'évolution économique du Chili. *Revue Economie et Humanisme*, 17, 52-70.
- Santos, J. B. (1950). La bataille du blé au Brésil. *Revue Economie et Humanisme*, 13, 104-106.
- Tocanne, R. (1942). La situation économique actuelle de l'Amérique du Sud. *Revue Economie et Humanisme*, 2, 139-146.
- Valladares, L. (2006). *La favela d'un siècle à l'autre*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'homme.
- Viau, P. (1951). L'aménagement du territoire: études régionales. *Revue Le Diagnostique Économique et Social*, 29, 317-319.

Recebido: Fev. 02, 2016

Aprovado: Maio 27, 2016